

O eco e o silêncio da representação

Beatriz Helena de Assis Pereira

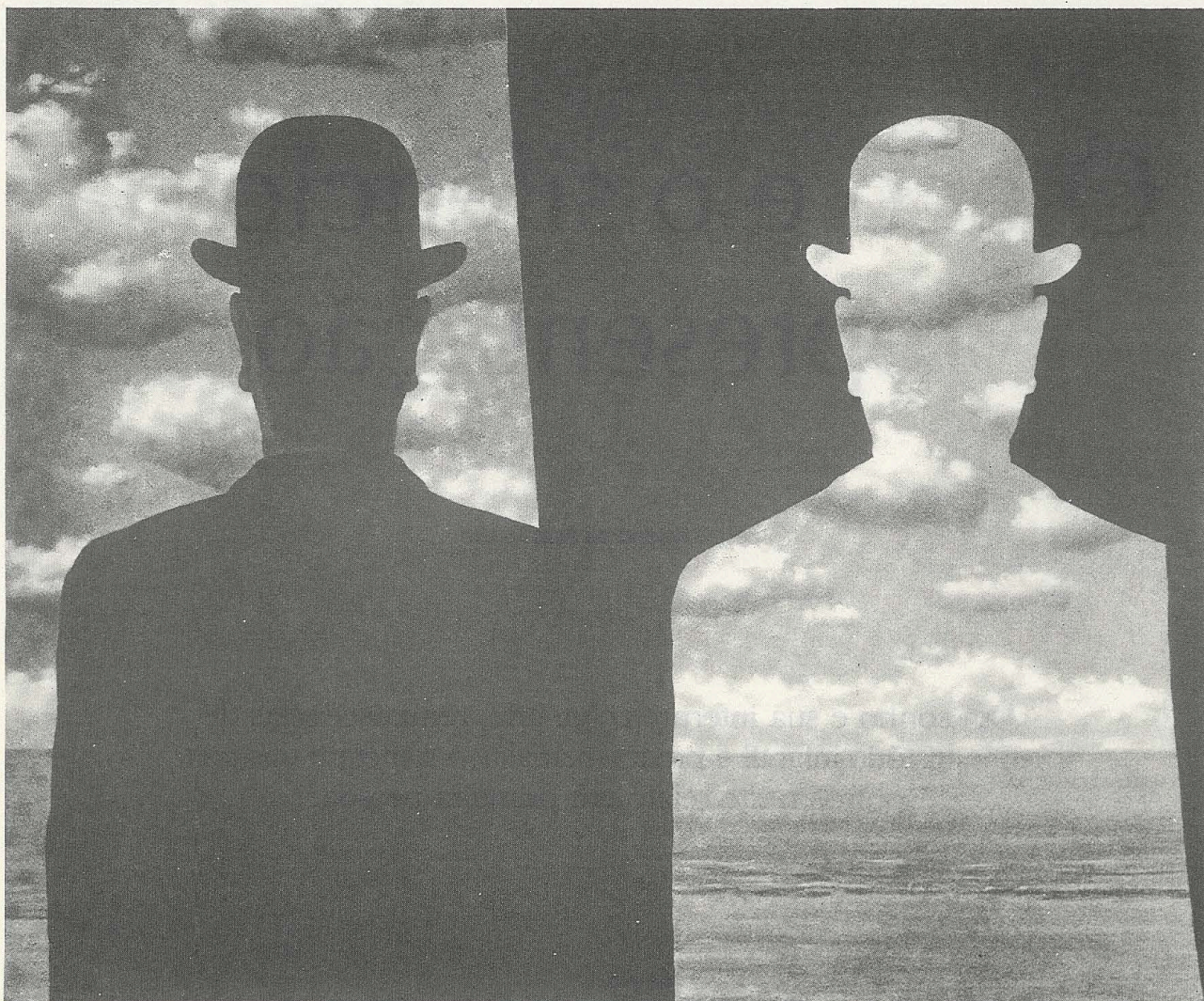
Um sonho e sua interpretação: arte, reminiscências de uma história infantil e processo analítico remetem uns aos outros neste relato em primeira pessoa.

Este texto surgiu numa manhã de novembro de 1991. Durante esse ano, eu freqüentava minhas sessões de análise ao mesmo tempo em que era incapaz de escrever uma linha sequer. Até aquele momento, o ato de escrever sempre havia sido para mim uma forma de encontrar o que meu cotidiano escondia. Nessa época, reli o livro Isto não é um cachimbo, de Foucault, espalhei no chão as gravuras de Escher e tive entre as mãos o livro Alice no País das Maravilhas, em uma versão bem diferente da que tinha lido aos 10 anos de idade. O texto foi escrito em uma manhã, mas depois descobri que tinha sido construído durante todo aquele ano, sem que eu soubesse disso...

Alice repousa a cabeça entre os braços e sonha. Há uma mesa retangular, comprida, com três cadeiras. Em uma das cabeceiras está seu analista, na outra uma figura pouco clara e, na parte central da mesa, em uma das laterais, Alice. Por sobre a mesa, espalhado e contido no espaço que a mesa delimita, há um enorme quebra-cabeça. Milhares e milhares de pecinhas espalhadas nessa superfície, e no centro da mesa, um pequeno trecho composto. Alice se sente triste, à parte, e por alguns instantes observa, calada.

O analista discute com a figura oposta, e o diálogo dos dois refere-se ao que está diante deles: um quebra-cabeça. Alice olha, perplexa, para a figura obscura, e vê a cor de seus próprios cabelos, o perfil de seu próprio rosto e a forma de suas próprias mãos, duplicada ao seu lado. E Alice, que tem diante de si uma mesa confusa, emaranhada, cheia de incertezas, de dúvidas e de milhares de fragmentos, repousa a cabeça entre os braços

Beatriz Helena de Assis Pereira - bacharel em Biologia pela USP e editora de ciências da Nova Cultural Ltda.



Decalcomania - Magritte, 1966. In: Torczyner, Harry - *Magritte, The True Art of Painting*. New York, Abradale Press/Harry N. Abrams, INC., 1985, p. 69.

“Decalcomania? Sem dúvida. Mas de quem sobre quem? De onde para onde? A espessa silhueta negra do sujeito parece ter sido virada da esquerda para a direita, da cortina sobre a paisagem que agora ele obtura: o buraco que deixou na cortina manifesta sua antiga presença. Mas talvez a paisagem, recortada segundo a silhueta de um homem, tenha sido recortada e transferida da esquerda para a direita; o pedaço da cortina vermelha que permanece

estranhamente pendurado nos ombros dessa paisagem-homem e que corresponde à pequena fração de cortina escondida pela silhueta manifesta, por sua vez, a origem, o lugar de recorte desse céu e dessa água. Deslocamento e mudança de elementos similares, mas de modo algum reprodução semelhante.”

Michel Foucault - *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1980, p. 63.

e sente vontade de dormir.

O sonho de Alice acompanha-a no dia seguinte. Pensativa, entra no consultório de seu analista e permanece algum tempo em silêncio. Resolve então relatar seu sonho.

A multiplicidade se espalha nos planos e se reencontra na repetição.

Alice que sonha (e é sonhada), sonha que são duas, num diálogo a três, a respeito de uma quarta Alice, a Alice-quebra-cabeça. E a Alice-quebra-cabeça quer dizer Alice que sonha, Alice que relata um sonho, Alice que discute, Alice que se sente triste, que escuta indiferente uma

discussão sobre um quebra-cabeça.

Mas a Alice que sonha é a mesma que, acordada, relata o sonho no dia seguinte para seu analista. Ele ouve, silencioso, projeta-se no analista no sonho e dele se distancia restabelecendo duas identidades: “*eu sou eu e você é você*”. E

a Alice que sonha, que acordada relata, busca um sentido do quadro que representou em outro, sobre uma mesa, dissociado. Alice quebra a cabeça.

O quebra-cabeça ocupa a extensão da mesa e se duplica agora, na interpretação, adquirindo mais duas dimensões: profundidade e tempo. Algumas peças se encaixam, a maioria está perdida, no caos. E cada uma delas contém, unitariamente, o elemento da possibilidade de um outro todo que não a dissociação: as peças de um quebra-cabeça montado não são mais as peças de um quebra-cabeça.

Mas Alice se debruça sobre a mesa, se revela à parte, peça solta,

gritte, comenta: *"A semelhança tem um padrão, elemento original que ordena e hierarquiza a partir de si todas as cópias, cada vez mais fracas, que podem ser tiradas. Assemelhar significa uma referência primeira que prescreve e classifica."*¹

Mas qual a referência primeira para Alice? Que padrão é possível inferir de uma ausência de ordenação, de hierarquias ou de origem? Alice procura uma Alice interposta entre dois espelhos, onde imagens de imagens se repetem ao infinito. Como classificar por semelhança? As cópias distantes só são menos claras porque se situam em planos mais distantes. O salto de um plano a outro recompõe uma nova relação de imagens,

*gundo um modelo que está encarregada de acompanhar e de fazer reconhecer. A similitude faz circular o simulacro como relação indefinida e reversível do similar ao similar."*³

E Foucault conclui, diante de um quadro do artista, que aí *"apreende-se o privilégio da similitude sobre a semelhança: esta faz reconhecer o que está muito visível; a similitude faz ver aquilo que os objetos reconhecíveis escondem, impedem de ver, tornam invisíveis."*⁴ Duas Alices não representam uma Alice duplicada - a parte visível do sonho - mas duas Alices fazem ver o que uma Alice multiplica em fragmentos desconectados. Para o filósofo, *"a semelhança comporta uma única asserção, sempre a mesma: isto, aquilo, aquilo ainda, é tal coisa. A similitude multiplica as afirmações diferentes, que dançam juntas, apoiando-se umas sobre as outras."*⁵ O dominó das Alices percorre o limite do possível, e cada peça não derruba uma, mas todas as peças do dominó. O mundo das Alices é uma espiral sem-fim: cada volta uma mesma volta e todas, uma nova volta.

Mas no sonho transparece aquilo que na realidade Alice oculta. Para Foucault, a similitude se liberta *"de sua velha cumplicidade com a asserção representativa ao misturar perfidamente (e por uma astúcia que parece indicar o contrário daquilo que ela quer dizer) um quadro e aquilo que ele deve representar."*⁶ Pela similitude, Alice desvendaria aquilo que Alice multiplica: a parte oculta do sonho. Aí repousa o privilégio do sonho sobre a realidade: duas Alices não representam uma Alice (o real que Alice relata), mas duas Alices repetem o que uma Alice decompõe (o sonho que Alice dissimula).

*"A similitude é reenviada a si própria", diz Foucault, "desdobrada a partir de si e dobrada sobre si..."*⁷ Alice se repete ao infinito, do sonho ao relato, do relato à interpretação, da interpretação ao livro de um

O mundo das Alices é uma espiral sem fim: cada volta uma mesma volta, e todas uma nova volta.

desconectada, unidade pela dispersão. O quebra-cabeça se repete na cena: Alice se sente triste, à parte, e é parte de uma dupla-tríade, à volta de uma mesa. E na tentativa de dialogar, Alice se vê à parte, relatando um sonho que é apenas parte, peça desconectada de uma metáfora de quebra-cabeça que ocupa toda sua extensão de tempo e de profundidade. E Alice se vê duplicada, discutindo possíveis interpretações para o sonho, ao mesmo tempo em que Alice, a outra, sente vontade de repousar a cabeça entre os braços e dormir.

O que representa o que? Quem é Alice?

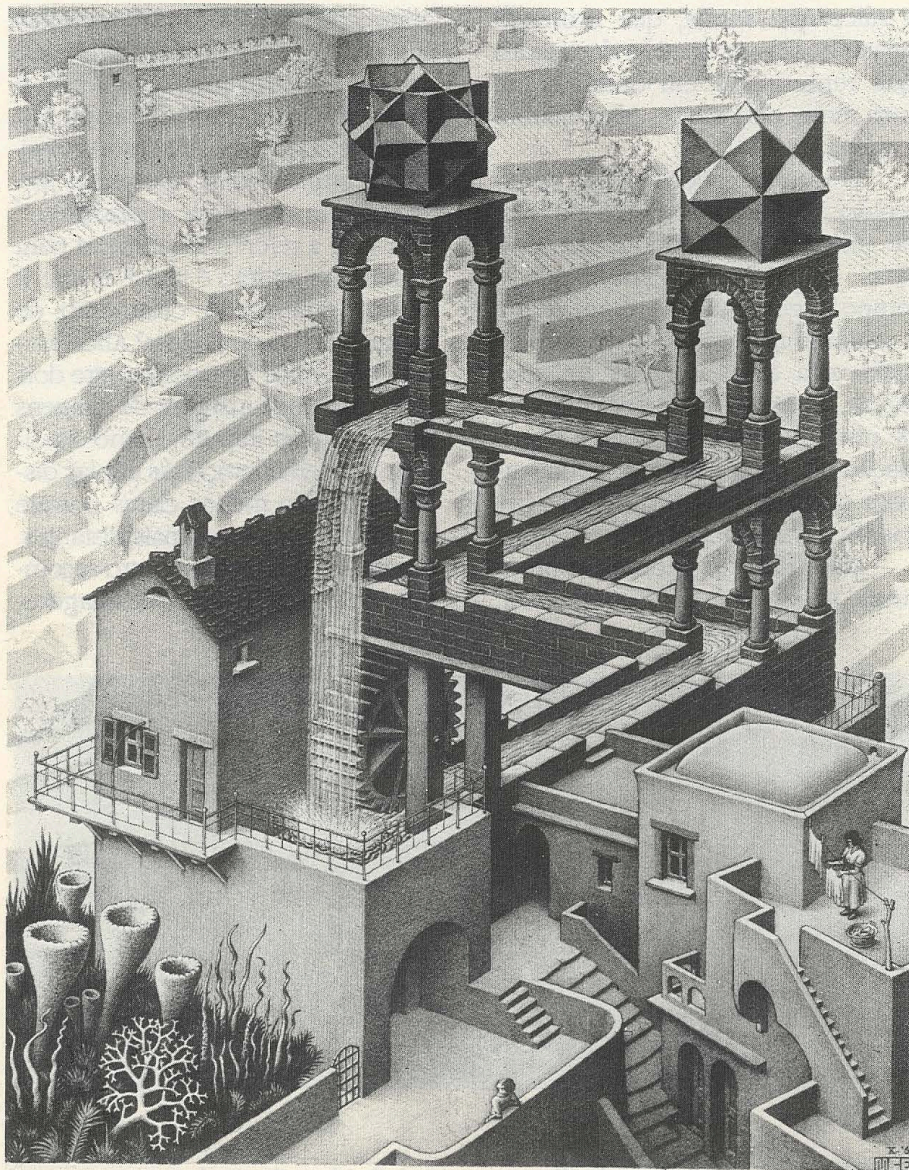
Foucault, diante da obra de Ma-

indefinida e ilimitadamente.

Atravessando a obra de Magritte, Foucault repensa o semelhante e o similar: *"O similar se desenvolve em séries que não têm começo nem fim, que é possível percorrer num sentido e em outro, que não obedecem a nenhuma hierarquia, mas se propagam de pequenas diferenças em pequenas diferenças."*² Os olhos de Alice percorrem uma linha infinita, que por trás de seus olhos se repete. É possível pensar no que representa o quebra-cabeça de Alice? O filósofo ajuda a responder: *"A semelhança serve à representação, que reina sobre ela. A similitude serve à repetição, que corre através dela. A semelhança se ordena se-*

escritor; do texto ao cinema, do filme à Alice duplicada no real, que se representa em sonho duplicada, quebra-cabeça de Alices espalhado num chão ladrilhado de espelhos. E as cópias, não menos claras ou menos fracas, correm de plano em plano, desenhando um universo escheriano. Porque o sonho não representa, mas se “*presenta*”, por desvelamento. O privilégio da similitude sobre a semelhança conforta o filósofo, mas reverbera em Alice. Se pela semelhança é possível procurar o idêntico, o próximo, o seme-

No sonho de Alice, um quebra-cabeça não representa nem um quebra-cabeça, nem uma metáfora de quebra-cabeça.



Escher - Waterfall, 1961 (litografia)

© 1961 M.C. Escher FOUNDATION - Baarn - Holland. All rights reserved.

lhante, o congruente, a cópia, e portanto todos os seus contrários, pela similitude não se pode chegar nem à identidade, nem à integração. A primazia do sonho sobre a realidade só confortaria Alice se um se hierarquizasse em relação ao outro. Mas, ao contrário, real e ilusório se remetem no lento silêncio da insanidade.

Alice relata seu sonho e pensa na interpretação que lhe é oferecida. Alice se sente duas, sonha que é mais de uma, e relata a condição de não ser nenhuma. Alice procura um analista porque insiste em desvelar o universo comum a todas

essas Alices; e na intersecção de todas, restabelecer suas relações. Pela análise, ela se reconstruía, por hipótese. Mas seu mundo interno é apenas um simulacro daquilo que ela pôde, de uma forma ou de outra, internalizar. Na relação com o outro, Alice descobre que a procura de uma identidade é o paradoxo de seu encontro com a des-identidade. Um olhar à frente e Alice se vê cega; uma palavra absurda e Alice submerge no silêncio.

Mas por que o quebra-cabeça não comporta uma possibilidade de representar? Pela representação é possível estabelecer uma relação dual:

representante e representado, sujeito e objeto da representação, significante e significado. A representação exige dualidade e nela constrói seu modo de atuação. O passo entre a paisagem e o quadro impressionista é composto de milhares de pequenos passos dados por relação de semelhança. A árvore é verde, tem casca rugosa; o horizonte surge delineado por trás do plano principal, e as nuvens estão carregadas de cinza. O pintor segura a palheta, mescla tons de azul e amarelo, branco e preto, escolhe pincéis finos e arredondados, posiciona a tela em relação ao sol. No quadro acabado,



Escher - *Reptielen*, 1943 (litografia)

é possível distinguir ou inferir uma árvore verde, de casca rugosa à frente de um horizonte que assiste, paciente, uma mistura de nuvens acinzentadas. Pela semelhança, o quadro representa uma paisagem. Mas no sonho de Alice, um quebra-cabeça *não* representa nem um quebra-cabeça, nem uma metáfora de quebra-cabeça. Ele repete, novamente, aquilo que o cria e aquilo que o assimila. De similar em similar, Alice se vê duplicada, se sonha quadruplicada, se interpreta multiplicada e solitária. Para Foucault, “expulsa do espaço do quadro, ex-

*cluída da relação entre as coisas que reenviam uma à outra, a semelhança desaparece. Mas não é para reinar em outro lugar, onde estaria liberta do jogo indefinido da similitude. Não cabe à semelhança ser a soberania que faz surgir.”*⁸

Na tentativa de recobrar sua identidade, estabelecer diferenças, ordenar representações e hierarquizar sonho versus realidade, Alice resolve expor sua idéia a respeito de uma analogia. Lembra-se de um trecho de uma história que leu quando criança e releu já adulta:

“Alice entrou na imagem de sua

casa, do outro lado do espelho. Lá, ela se vê diante de um jardim, à frente de um morro que imagina poder alcançar e ver tudo mais nitidamente. Dirige-se então pelo lado de fora da casa, intencionando chegar até lá. Mas, atônita, descobre que quanto mais tenta se aproximar, mais na origem de sua partida novamente se encontra. Alice tenta de novo, mais uma vez, uma outra, até que, confusa, se pergunta “mas como é isso? Quanto mais tento me aproximar, mais distante estou?” Uma pequena voz no jardim lhe responde “se você

quer se aproximar de algo, tem que dele se distanciar". Alice tenta, e quando percebe, está sobre o morro, observando toda a paisagem..."⁹

Alice descobre, perplexa, que a casa dos espelhos se repete em simulacros, do texto ao pensamento, do pensamento ao relato, do relato ao sonho, do sonho à interpretação, da interpretação ao texto desenhado na tela de um computador. Alice repete na realidade o que no sonho reflete: o espelho não tem mais face, as imagens não servem como modelo, os modelos não podem representar.

No centro da mesa havia um pequeno trecho composto onde as peças se encaixavam. E é nesse

inscrição "saída". Pensando ter descoberto algo importante, Alice se dirige à saída, abre a porta e vê que está no topo de uma escada que descreve um arco de círculo. Alice desce os degraus e na metade do caminho pára e olha ao seu redor: ela está no centro de uma casa. Alice pensa em como isso ocorreu. Olha para o fim da escada, que é o fim de um arco que dá para uma porta onde se lê "saída". Alice vai até lá, os degraus são planos. Abre a porta e descobre, atônita, que está no centro de uma casa onde há uma porta com a inscrição "saída", que ao se abrir dá para o topo de uma escada...

Ao relatar o sonho, Alice tem

onde nascem plantas e animais do fundo do mar; e sustenta, reticente, dois poliedros.

Representação do insólito, do incongruente, do estranho? Ou repetição do sempre e mesmo olhar atônito de perplexidade?

Um moinho diferente de todos os moinhos, ou um não-moinho aquém e além de todas as representações?

Alice é personagem deste universo escheriano, onde um lagarto escapa do desenho repetitivo para repetir um movimento de escapar, circular e concreto, onde é possível subir num livro, soltar fumaça de cima de um poliedro e misturar-se na representação de uma repetição.

Alice precisa encontrar sua identidade, lugar e momento de um domínio interno em que todas as relações, inclusive com esse domínio, sejam possíveis. Na similitude, não há espaço para a distinção necessária a uma sanidade, e é somente através da similitude que Alice é capaz de estabelecer um contato com o real.

Dado o impasse, resta repensar o modo de interferir nessa sólida e delicada trama, que entrelaça, repete, elabora, dissimula, cria, ecoa e silencia.

Alice precisa encontrar sua identidade, lugar e momento de um domínio interno em que as relações sejam possíveis.

núcleo que Alice encontraria uma pista para o desenho que todas as peças juntas formariam caso pudessem ser conectadas. Mas a Alice que precisa reconhecer esse trecho está de fora, a cabeça sobre os braços, indiferente à discussão, apenas mais um similar na série infinita de similares, que se propagam de pequenas diferenças em pequenas diferenças. Como diz o filósofo, "em todos esses planos, escorregam similitudes que nenhuma referência vem fixar: translações sem ponto de partida nem suporte."¹⁰

Em outro sonho, Alice se vê no interior de uma casa estranha e pensa em como sair de lá. Olha para o lado e vê uma porta que contém a

dificuldade em encontrar palavras para descrever aquela situação bizarra. Lembra-se então dos de desenhos de Escher¹¹, onde a entrada e a saída coincidem, o baixo e o alto na realidade são a mesma coisa e quando se pensa estar indo para fora, na verdade se está indo para dentro, e vice-versa.

Em *Waterval*, Escher desenhou um moinho que pode girar graças a uma queda d'água. A água que cai está no mesmo nível da água que sobe. O plano transcende sua limitação de plano e rouba uma terceira dimensão dos olhos do observador. Mas não basta dizer que o sonho transpõe o limite tênue da realidade: a casa do moinho guarda um jardim

NOTAS

1. FOUCAULT, Michel *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988, p. 60.
2. Id., p. 60.
3. Id., *ibid.* pp. 60-61.
4. Id., *ibid.* p. 63.
5. Id., *ibid.* pp. 63-64.
6. Id., *ibid.* p. 69.
7. Id., *ibid.* p. 68.
8. Id., *ibid.* p. 64.
9. CARROLL, Lewis *Aventuras de Alice no país das maravilhas/ Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. São Paulo, Summus Editorial, 1980, pp. 149-153.
10. FOUCAULT, M. Id., p. 71.
11. Maurits Cornelis Escher, desenhista e gravador holandês (1898-1972).